

FIM DO JEJUM NO RIO-SÃO PAULO

Título de 2001, com show de Kaká, foi o primeiro do São Paulo no torneio interestadual

Por Michael Serra,
especial para a **Revista do SP**

Tricampeão mundial, tri da Libertadores, hexa brasileiro, 21 vezes campeão do Paulistão... O São Paulo está entre os grandes vencedores de todos os campeonatos, exceto um: o Torneio Rio-São Paulo. Durante décadas, por sinal, o torcedor tricolor teve de conviver com frustração, azar e até ironias do destino no interestadual.

O fim do jejum só foi possível graças à geração de Kaká, que ganhou o Rio-São Paulo de 2001. Nas 21 participações anteriores, o máximo que o clube havia conseguido foi o vice-campeonato em quatro ocasiões – 1933, 62, 65 e 98. Uma das grandes explicações para os insucessos era o fato de a competição ter existido, basicamente, durante o difícil período de construção do Morumbi.

Em 1949, por exemplo, disputou-se o Torneio Relâmpago, que ressuscitaria o Rio-São Paulo. Os quatro grandes de São Paulo enfrentaram Botafogo e Fluminense. Ao final, o Tricolor foi declarado campeão, embora, por falta de datas, não tenha ocorrido a última partida do certame.



Mais tarde, esse novo torneio interestadual seria batizado com o nome do ex-goleiro e ex-presidente do São Paulo, Roberto Gomes Pedroza, quando de sua morte, em 1954. Nem com essa homenagem póstuma o Tricolor passou a ter melhor sorte na competição. De 1950 a 66, até a Portuguesa ganharia a taça por duas vezes (1952 e 1955). O pior: no único ano em que não foi realizado, o São Paulo venceu a competição disputada em seu lugar. Em 1956, o Torneio Roberto Gomes Pedroza teve duas fases, a internacional – faturada pelo Santos, e a nacional, em que os clubes cariocas desistiram de participar e o Tricolor levantou a taça.

A ausência dos times do Rio impediu que o Mais Querido pudesse enfim se declarar campeão do Rio-São Paulo. A vida seguiu e em 1967 o torneio entre clubes de dois estados se expandiu com convites a algumas equipes de outros pontos do Brasil. Passou a ser conhecido como Taça de Prata, mas tecnicamente continuava sendo o mesmo torneio, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa (ou Robertão).

Logo, acabou substituído por um verdadeiro campeonato nacional, em 1971, e o Rio-São Paulo só voltou à disputa nos anos 1990. Em 1993, sem a participação do São Paulo, que não dispunha de datas, o campeonato ressurgiu, mas foi em 1997 que reviveu sua fase definitiva e derradeira. O Tricolor bateu na trave no ano seguinte, e em 1999 e 2000 caiu nas semifinais. Já 2001 seria diferente. Teria que ser...

Sem dinheiro em caixa, o clube do Morumbi teve de vender alguns de seus melhores jogadores, como Marcelinho, Edu, Fábio Aurélio e outras promessas. Tal situação se agravaria até o final do torneio, pois a patrocinadora de camisa encerraria seu vínculo com o clube (o que proporcionou a peculiar e rara camisa da partida decisiva, com um patrocínio de um único jogo). A aposta então era nas jovens promessas que, um ano antes, conquistaram a Copa São Paulo de juniores.

Dentre eles estava Cacá, sim Cacá com "c". A jovem promessa - lapidada desde a infância como uma joia rara - contudo, sofrera uma séria fratura de vértebra em um acidente em um parque aquático e, recuperando-se, nem era cogitado como salvador imediato da pátria.

Na primeira fase, a irregularidade deu o tom. Vitórias por 2 a 0 contra Vasco e Flamengo, empate por 1 a 1 com o Botafogo, e derrota por 5 a 2 para o Fluminense, em Niterói, com três jogadores expulsos: Rogério Pinheiro, Gustavo Nery e Wilson. A desforra viria nas semifinais. Classificando-se em segundo no grupo paulista, com sete pontos, atrás do Santos, com 10, o Tricolor enfrentaria o mesmo Fluminense, então campeão invicto do grupo carioca.

Na partida de ida, no Morumbi, vitória simples por 1 a 0, com gol de França. O segundo jogo seria dramático. Ao fim do tempo regulamentar, 2 a 1 para o Fluminense e decisão nos pênaltis. Rogério Ceni, que já exibira uma de suas melhores partidas com a camisa do São Paulo no tempo normal, se consagraria na marca da cal naquelas cobranças alternadas. Três pênaltis defendidos (de Roni, César e Jorginho) e 7 a 6 no placar final para o São Paulo.

Surpreendentemente, na outra chave, o invicto Santos tombava frente ao Botafogo. A final seria contra o time da Estrela Solitária, o mesmo que venceria o Tricolor em 1962 e 1998. E havia um grande

desfalque: Rogério Ceni acabou convocado para a seleção brasileira. A primeira partida, no Maracanã, só emplacou no segundo tempo, quando Luís Fabiano, duas vezes, Carlos Miguel e França definiram a partida e, muito possivelmente, o título: 4 a 1.

No jogo de volta, em 7 de março, 71.668 pessoas viram o nascimento de uma estrela. A partida corria equilibrada, após início sob pressão do Botafogo. Temiam que o São Paulo entrasse de salto alto e acabasse por estragar uma conquista praticamente vencida. E o temor se fez presente quando ao fim do primeiro tempo os alvinegros abriram o placar, com gol de Donizete.

Aos 15 minutos do segundo tempo, um garoto com o número 30 às costas entra em campo sem chamar lá grande atenção. Vinte minutos depois, o franzino rapaz recebe a bola, dribla o adversário e chuta na saída do goleiro. Gol de empate! O primeiro gol de Cacá - futuramente Kaká - com a camisa do São Paulo. Não bastava para a consagração. Veio então o segundo gol poucos minutos depois, e o grito de campeão enfim desentalava-se da garganta do torcedor tricolor.

Agora sim a competição poderia se extinguir de vez. E isso não tardou a acontecer.



FOTO: Diogo Oliveira

Ainda conhecido como Cacá, com "C", o craque surgiu no Rio-São Paulo